

O CONCURSO PÚBLICO E A CHANCE DE FAZER DIFERENÇA

É muito comum ver, nos clubes, nos bairros e nas escolas grupos de pessoas em que aparecem três classes: os famosos, os neutros e os mal-afamados. Para ser famoso, basta uma boa qualidade: habilidade nos esportes, riqueza, beleza, inteligência (desde que não se seja um *nerd*), uma boa compleição física, força ou, então, bons relacionamentos (“filho de”, “amigo de”, “protegido de” e até “namorando tal pessoa”). Do outro lado, os exageradamente feios, pobres, limitados intelectualmente, mal relacionados (o mesmo “amigo de”, “filho de” etc., mas em outro contexto), ou, às vezes, basta o azar de um ou outro acontecimento ruim e rumoroso (como uma surra, um vexame ou coisa que o valha). Ser “chato” também é motivo para estar sob a mira de qualquer grupo.

Para ser chato, é preciso algum bom motivo: pessoas muito estudiosas e sem simpatia são hipótese corrente; monotemáticos, idem. Por fim, vale lembrar que um dos melhores conceitos do que seja um “chato”: chato é aquela pessoa que tem mais interesse em você, do que você nele.

Um fato positivo, também, pode guindar alguém ao estrelato, mas, para as coisas boas, a memória humana é muito falha, de modo que, depois de algum tempo, será preciso “atualizar” algum motivo para estar no *hall* da fama.

Aqueles que não têm a sorte de estar no primeiro grupo nem o azar de estar no último são os neutros, aqueles que têm a vida mais tranqüila, livres das responsabilidades dos eleitos pela fama e das discriminações e perseguições aos mal-afamados.

É claro que as tais classes não são estanques, permitindo movimentação, conforme a vida vai andando. Pois bem, os representantes dos grupos da extremidade andam mais ou menos juntos: os famosos, por uma questão de elitização, e os mal-afamados, por falta de opção. Claro que todos possuem seus grupos menores, de pessoas com as quais há maior amizade e, necessariamente, mais compreensão e solidariedade mútuas.

No grupo dos mal-afamados, há sempre um núcleo de resistência às gozações dos famosos, quando, entre eles, aparece um ou outro infeliz que, não satisfeito por estar

“bem”, ainda faz questão de marcar sua suposta “superioridade”. E, como se tem que imitar os famosos, o grupo dos mal-afamados costuma unir-se para uma certa proteção mútua.

Os filmes americanos sobre adolescentes, colégios etc. mostram razoavelmente estas divisões, embora as colocando de forma um pouco estereotipada, além de trazerem tais filmes seqüelas do *american way of life*, que é um modelo consideravelmente frívolo, conforme se vê, por exemplo, através das noções de *wINNERS* e *loosERS*; como se vencedores e perdedores fossem pessoas, e não situações.

A aprovação em concurso é interessante, pois coloca a pessoa no grupo dos bem resolvidos, dos que tiveram sucesso, dos que têm algum poder (maior ou menor, de acordo com o cargo, mas sempre considerável). Além disso, a aprovação também guinda o candidato ao estrelato. Num momento, ele é um “cara” desempregado, que estuda, estuda, estuda e só “leva bomba”; de repente, transforma-se num vencedor, num *winner*. É óbvio que, se eu for ter um conceito de vencedor, o sucesso profissional será apenas um dos aspectos considerados, mas que a aprovação é um grande feito, disto ninguém duvida.

Uma das lembranças de minha infância refere-se ao Guto. Ele era um “cara” que, quando eu tinha lá uns oito anos, deveria ter uns quinze ou dezesseis e estava na lista dos “caras” respeitados. Tinha namorada, jogava bem futebol e o pessoal da vizinhança tinha-o como um daqueles cuja opinião tinha que ser considerada, ouvida. Eu, para variar, não jogava nada direito, estava na lista dos mais crianças, era muito branco (qualquer diferença é motivo de chacota) e, obviamente, estava “mal parado”. Por esse motivo, era um daqueles que, de vez em quando, sofria alguma gozação, vitupério ou ameaça dos “caras” maiores e daqueles que, estando na lista dos respeitados, gostavam de criar-se em cima dos menores e mais fracos.

Contudo, sempre que alguém queria fazer alguma maldade, daquelas pequenas maldades (ou, às vezes, grandes) que são feitas no dia-a-dia, Guto intervinha, impedindo-a. O fato de estar na lista dos detentores de força e fama era, para tanto, indispensável. Certas vezes, vi-o proteger outros “normais” ou mal-afamados; outras tantas, eu mesmo deixei de ser ridicularizado ou receber um tapa ou cascudo, em razão da generosa e gratuita intervenção do Guto.

Eu admirava sua atitude. Além do mais, proteger ou tomar partido de algum mal-afamado ou fraco chegava a ser, em geral, atitude quase reprovável entre os bem-afamados, que poderia custar sua exclusão da lista dos “bam-bam-bans”, vez que ainda existe, em algum lugar no imaginário social, a infeliz idéia de que os grandes não podem ou não devem preocupar-se com os menores.

É gozado, mas eu já encontrei o Guto umas duas vezes e acabei ficando fisicamente bem maior do que ele. É gozado, pois, quando o cumprimento, continuo a perceber-me menor do que ele, e permaneço agradecido.

O fato é que Guto influenciou-me bastante por sua atitude. Eu, pequeno que era, via como era necessário ser forte para estar protegido. Mais do que isto, eu admirava seu jeito de proteger os outros e sentia vontade de, um dia, ser forte e imitá-lo, proteger os mais fracos gratuitamente. Eu admirava o que ele fazia e, no fundo, sonhava em, um dia, ser forte e defender os outros.

Escrevo isto porque já passamos da época em que a força física era a melhor forma de resolver as disputas. Atualmente, prevalece a força da caneta, do conhecimento, da competência.

Eu gosto muito de ser juiz, vez que, ao realizar as atividades típicas do cargo, acabo podendo seguir o bom exemplo do Guto: defender o mais fraco ou o que tem razão. Há horas em que o governo é a vítima; noutras (mais freqüentes), o cidadão. Seja como for, o cargo permite-me fazer o bem e, ainda, pagam-me por isto! Podem até não ser os vencimentos de que eu gostaria, mas é um bom valor, diante das condições do país.

Não é apenas na magistratura que há esse privilégio de servir, e não haverá um Brasil melhor sem policiais, fiscais, auditores, promotores, defensores, servidores de todos os Poderes e níveis que estejam imbuídos de bem cumprir sua parte.

Cada um que me lê, agora, e que está estudando para um concurso, representa uma esperança de dias melhores. Você não é apenas a esperança de dias melhores para si mesmo, com a aprovação, mas também a de que o serviço público consiga lograr êxito em atender aos anseios da população por justiça social e progresso.

Precisamos buscar motivação, seja ela em Deus, na família, nos filhos, nos sonhos de um mundo melhor, no desejo de segurança e emprego ou, até, de seguir algum exemplo marcante. Seja como for, importa que haja esforço e persistência necessários ao sucesso nas provas. E que à nomeação, à posse e ao exercício sigam-se as atividades naturais do ofício, desempenhadas com a certeza de que nossa atuação influencia os destinos da nação. John Kennedy foi muito feliz ao dizer que poucos mudam o curso da história sozinhos: a história da Humanidade é feita de pequenos gestos de coragem e de crença.

O fato é que cada um de nós tem uma pequena, mas essencial parcela no destino deste planeta e, através do concurso público, não só resolvemos nosso problema pessoal relativo à vida profissional, mas também habilitamo-nos a influenciar positiva e eficazmente os destinos do país.

William Douglas, 40 anos, é Juiz Federal, Professor universitário, Mestre em Direito, especialista em Políticas Públicas e Governo, e autor de diversos livros, entre os quais *Como passar em provas e concursos* e *Direito Constitucional – Teoria e 1.000 questões*. Foi 1º colocado nos concursos para Juiz de Direito, Defensor Público e Delegado de Polícia.

www.williamdouglas.com.br